

Metrô traz novas expectativas ao comércio

Carlos de Lannoy

A hegemonia das lojas de luxo, frequentadas por consumidores de alto poder aquisitivo, parece estar chegando ao fim num dos pontos mais privilegiados do comércio em Brasília. A inauguração da primeira linha do metrô, prometida para o dia 30 de março de 1994 pelo governador Joaquim Roriz, ligando Samambaia ao ParkShopping, vai mudar o perfil da região, trazendo mais pessoas e novos investimentos.

Quem afirma são lojistas e moradores da área próxima ao Carrefour, Setor de Oficinas e Setor de Garagens, incluindo o próprio shopping center. Para eles, a expectativa é com a chegada dos moradores das cidades-satélites, beneficiados pelo metrô, que devem dar novas características ao consumo e ao ritmo do cotidiano.

Apesar de não programarem medidas específicas para receber as mudanças, os lojistas só falam em benefícios. A subgerente da Mesbla, Socorro Carvalho, festeja

a presença de um público novo. "Boa parte dos nossos clientes são das classes B e C e quem mora nas cidades-satélites e não tem condução, pena bastante".

Maria Alice Nogueira, assistente de marketing do ParkShopping, lembra que o fluxo de jovens deve aumentar, já que as pessoas precisavam de carro para ir até lá, e agora não haverá mais necessidade. O diretor do Carrefour, Cláudio Gouveia, disse que o seu supermercado está preparado para um possível aumento da violência. Na sua opinião, a população das satélites deve passar a frequentar mais, principalmente nos finais de semana. "Quase 90% das pessoas utilizam o carro para vir ao Carrefour, com o metrô isso vai mudar".

"Acho que depois de dois meses tudo volta ao normal", afirmou Paulo Liaffa, administrador dos oito cinemas do ParkShopping. Ele acredita que o preço do bilhete vai manter afastada a população de cidades onde o nível de vida é mais baixo. Para Leandro Lisboa, gerente operacional das lojas Bill Brothers, Pé do Atleta e Chocolate, que vendem para a classe média alta, a situação deve ser trada com democracia. "Todo mundo tem direito, e o shopping deve estar preparado para receber qualquer tipo de pessoa".

Lotes são supervalorizados

Quando foi oficializada a construção do metrô alguns terrenos quadruplicaram o valor em apenas dois meses, lembra José Gaspar, diretor de operação e manutenção do Metrô, citando o caso de um terreno na Ceilândia. A expectativa de empresários e do governador Joaquim Roriz, quase US\$ 2 bilhões, seriam gerados com a venda de lotes e das grandes áreas que circundam as estações do metrô.

Na região próxima à estação do EPIA (ao lado do ParkShopping) o GDF já vendeu quase todos os terrenos, afirma Alexandre Gonçalves, diretor comercial da Terracap. Ele diz que o grande inves-

timento do metrô fica na cidade de Aguas Claras.

A cidade terá a linha do metrô como seu eixo de ocupação, da mesma forma com que os eixos traçados por Lúcio Costa orientaram a ocupação no Plano Piloto. "Já foram vendidos mais de 300 terrenos para as cooperativas, agora iniciamos a negociação com a iniciativa privada", disse Alexandre.

A estação do Metrô que será inaugurada dia 30 de março de 1994, em frente ao ParkShopping, não será definitiva. A estação definitiva vai ser construída do outro lado da ponte da EPIA, para servir à futura Rodoviária Interestadual.

FOTOS: WANDERLEY POZZEMBOM



As obras do metrô vão transformando a cada dia a paisagem. Enquanto os comerciantes apostam num crescimento dos seus negócios, os moradores que estão clandestinamente no Pelezão vão ficando cada vez mais apreensivos

Violência preocupa

"E se metrô vai ser uma tragédia, porque vai trazer muita malandragem", diz assustada Luiza Cunha de Oliveira. Ela mora com a família numa casa atrás do estádio Pelezão, próximo ao Setor de Oficinas e Carrefour, que foi cedida ao seu sogro pela Federação Metropolitana de Futebol, há mais de 30 anos.

A sua cunhada, Marisa de Oliveira, que mora na casa desde o início, conta que ao chegar ali era "tudo mato descampado". Para ela todas as construções que foram surgindo só trouxeram benefícios e a única coisa que piorou foi a segurança.

Sob o mesmo teto vivem as famílias de Antonio, Marisa e Renata Oliveira. Os três irmãos cuidam da Cantina do João, que servia ao estádio e agora alimenta mecânicos e comerciantes da região. Eles não quiseram ser fotografados e sabem que um dia vão sair dali, "mas antes disso vai ter muita conversa. Quem mora há 30 anos tem direito de posse", disse Marisa.

Estádio - Abandonado para jogos oficiais há mais de 10 anos, o estádio Edson Arantes do Nascimento, Pelezão, é habitado por carroceiros que trabalham no Guarã. Alguns vizinhos reclamam que o lugar é frequentado por marginais e pode servir como refúgio para menores que vêm ali para cheirar cola".

Luiza de Oliveira, que mora nas proximidades, disse que há pouco tempo uma criança foi levada à força para dentro do estádio e agredida impunemente. Para José Soares, que mora na cabine de imprensa, de frente à via do metrô e para o ParkShopping, os excessos só acontecem de vez em quando, e são cometidos por "gente embriagada".

"Construções só trouxeram benefícios. A única coisa que piorou foi a segurança"